

## DOMINGO IV DO ADVENTO

### CIC 484-494: a Anunciação

- 484** A Anunciação a Maria inaugura a «plenitude dos tempos» (*Gl* 4, 4), isto é, o cumprimento das promessas e dos preparativos. Maria é convidada a conceber Aquele em quem habitará «corporalmente toda a plenitude da Divindade» (*Cl* 2, 9). A resposta divina ao seu «como será isto, se Eu não conheço homem?» (*Lc* 1, 34) é dada pelo poder do Espírito: «O Espírito Santo virá sobre ti» (*Lc* 1, 35).
- 485** A missão do Espírito Santo está sempre unida e ordenada à do Filho<sup>1</sup>. O Espírito Santo, que é «o Senhor que dá a Vida», é enviado para santificar o seio da Virgem Maria e para a fecundar pelo poder divino, fazendo-a conceber o Filho eterno do Pai, numa humanidade originada da sua.
- 486** Tendo sido concebido como homem no seio da Virgem Maria, o Filho único do Pai é «Cristo», isto é, ungido pelo Espírito Santo<sup>2</sup>, desde o princípio da sua existência humana, embora a sua manifestação só se venha a fazer progressivamente: aos pastores<sup>3</sup>, aos magos<sup>4</sup>, a João Baptista<sup>5</sup>, aos discípulos<sup>6</sup>. Toda a vida de Jesus Cristo manifestará, portanto, «como Deus O ungiu com o Espírito Santo e o poder» (*Act* 10, 38).
- 487** O que a fé católica crê, a respeito de Maria, funda-se no que crê a respeito de Cristo. Mas o que a mesma fé ensina sobre Maria esclarece, por sua vez, a fé em Cristo.
- 488** «Deus enviou o seu Filho» (*Gl* 4, 4). Mas, para Lhe «formar um corpo»<sup>7</sup>, quis a livre cooperação duma criatura. Para isso, desde toda a eternidade, Deus escolheu, para ser a Mãe do seu Filho, uma filha de Israel, uma jovem judia de Nazaré, na Galileia, «virgem que era noiva de um homem da casa de David, chamado José. O nome da virgem era Maria» (*Lc* 1, 26-27):  
«O Pai das misericórdias quis que a aceitação, por parte da que Ele destinara para Mãe, precedesse a Encarnação, para que, assim como uma mulher contribuiu para a morte, também outra mulher contribuísse para a vida»<sup>8</sup>.
- 489** Ao longo da Antiga Aliança, a missão de Maria foi *preparada* pela missão de santas mulheres. Logo no princípio, temos Eva; apesar da sua desobediência,

<sup>1</sup> Cf. *Jo* 16, 14-15.

<sup>2</sup> Cf. *Mt* 1, 20; *Lc* 1, 35.

<sup>3</sup> Cf. *Lc* 2, 8-20.

<sup>4</sup> Cf. *Mt* 2, 1-12.

<sup>5</sup> Cf. *Jo* 1, 31-34.

<sup>6</sup> Cf. *Jo* 2, 11.

<sup>7</sup> Cf. *Heb* 10, 5.

<sup>8</sup> Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 56: AAS 57 (1965) 60; cf. *ibid.*, 61: AAS 57 (1965) 63.

ela recebe a promessa duma descendência que sairá vitoriosa do Maligno<sup>9</sup> e de vir a ser a mãe de todos os vivos<sup>10</sup>. Em virtude desta promessa, Sara concebe um filho, apesar da sua idade avançada<sup>11</sup>. Contra toda a esperança humana, Deus escolheu o que era tido por incapaz e fraco<sup>12</sup> para mostrar a sua fidelidade à promessa feita: Ana, a mãe de Samuel<sup>13</sup>, Débora, Rute, Judite e Ester e muitas outras mulheres. Maria «é a primeira entre os humildes e pobres do Senhor, que confiadamente esperam e recebem a salvação de Deus. Com ela, enfim, excelsa filha de Sião, passada a longa espera da promessa, cumprem-se os tempos e inaugura-se a nova economia da salvação»<sup>14</sup>.

**490** Para vir a ser Mãe do Salvador, Maria «foi adornada por Deus com dons dignos de uma tão grande missão»<sup>15</sup>. O anjo Gabriel, no momento da Anunciação, saúda-a como «cheia de graça»<sup>16</sup>. Efectivamente, para poder dar o assentimento livre da sua fé ao anúncio da sua vocação, era necessário que Ela fosse totalmente movida pela graça de Deus.

**491** Ao longo dos séculos, a Igreja tomou consciência de que Maria, «cumulada de graça» por Deus<sup>17</sup>, tinha sido redimida desde a sua conceição. É o que confessa o dogma da Imaculada Conceição, proclamado em 1854 pelo Papa Pio IX:

«Por uma graça e favor singular de Deus onnipotente e em previsão dos méritos de Jesus Cristo, Salvador do género humano, a bem-aventurada Virgem Maria foi preservada intacta de toda a mancha do pecado original no primeiro instante da sua conceição»<sup>18</sup>.

**492** Este esplendor de uma «santidade de todo singular», com que foi «enriquecida desde o primeiro instante da sua conceição»<sup>19</sup>, vem-lhe totalmente de Cristo: foi «remida dum modo mais sublime, em atenção aos méritos de seu Filho»<sup>20</sup>. Mais que toda e qualquer outra pessoa criada, o Pai a «encheu de toda a espécie de bênçãos espirituais, nos céus, em Cristo» (*Ef* 1, 3). «N’Ele a escolheu antes da criação do mundo, para ser, na caridade, santa e irrepreensível na sua presença» (*Ef* 1, 4).

**493** Os Padres da tradição oriental chamam à Mãe de Deus «a toda santa» (Παναγία), celebram-na como «immune de toda a mancha de pecado, visto que o próprio Espírito Santo a modelou e dela fez uma nova criatura»<sup>21</sup>. Pela graça de Deus, Maria manteve-se pura de todo o pecado pessoal ao longo de toda a vida.

<sup>9</sup> Cf. *Gn* 3, 15.

<sup>10</sup> Cf. *Gn* 3, 20.

<sup>11</sup> Cf. *Gn* 18, 10-14; 21, 1-2.

<sup>12</sup> Cf. *1 Cor* 1, 27.

<sup>13</sup> Cf. *1 Sm* 1.

<sup>14</sup> Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 55: AAS 57 (1965) 59-60.

<sup>15</sup> Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 56: AAS 57 (1965) 60.

<sup>16</sup> Cf. *Lc* 1, 28.

<sup>17</sup> Cf. *Lc* 1, 28.

<sup>18</sup> PIO IX, Bulla *Ineffabilis Deus*: DS 2803.

<sup>19</sup> Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 56: AAS 57 (1965) 60.

<sup>20</sup> Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 53: AAS 57 (1965) 58.

<sup>21</sup> Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 56: AAS 57 (1965) 60.

**494** Ao anúncio de que dará à luz «o Filho do Altíssimo», sem conhecer homem, pela virtude do Espírito Santo<sup>22</sup>, Maria respondeu pela «obediência da fé»<sup>23</sup>, certa de que «a Deus nada é impossível»: «Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra» (Lc 1, 38). Assim, dando o seu consentimento à palavra de Deus, Maria tornou-se Mãe de Jesus. E aceitando de todo o coração, sem que nenhum pecado a retivesse, a vontade divina da salvação, entregou-se totalmente à pessoa e à obra do seu Filho para servir, na dependência d’Ele e com Ele, pela graça de Deus, o mistério da redenção<sup>24</sup>:

«Como diz Santo Ireneu, “obedecendo, Ela tornou-se causa de salvação, para si e para todo o género humano”<sup>25</sup>. Eis porque não poucos Padres afirmam, tal como ele, nas suas pregações, que “o nó da desobediência de Eva foi desatado pela obediência de Maria; e aquilo que a virgem Eva atou, com a sua incredulidade, desatou-o a Virgem Maria com a sua fé”<sup>26</sup>; e, por comparação com Eva, chamam Maria a “Mãe dos vivos” e afirmam muitas vezes: “a morte veio por Eva, a vida veio por Maria”<sup>27</sup>.

#### **CIC 439, 496, 559, 2616: Jesus é o filho de David**

**439** Numerosos judeus, e mesmo alguns pagãos que partilhavam da sua esperança, reconheceram em Jesus os traços fundamentais do messiânico «filho de David», prometido por Deus a Israel<sup>28</sup>. Jesus aceitou o título de Messias a que tinha direito<sup>29</sup>, mas não sem reservas, uma vez que esse título era compreendido, por numerosos dos seus contemporâneos, segundo um conceito demasiado humano<sup>30</sup>, essencialmente político<sup>31</sup>.

**496** Desde as primeiras formulações da fé<sup>32</sup>, a Igreja confessou que Jesus foi concebido unicamente pelo poder do Espírito Santo no seio da Virgem Maria, afirmando igualmente o aspecto corporal deste acontecimento: Jesus foi concebido «*absque semine, ex Spiritu Sancto* – do Espírito Santo, sem sémen [de homem]»<sup>33</sup>. Os santos Padres vêem, na conceição virginal, o sinal de que foi verdadeiramente o Filho de Deus que veio ao mundo numa humanidade como a nossa:

Diz, por exemplo, Santo Inácio de Antioquia (princípio do século II): «Vós estais firmemente convencidos, a respeito de nosso Senhor, que Ele é verdadeiramente da raça de David segundo a carne<sup>34</sup>, Filho de Deus segundo a vontade e o poder de Deus<sup>35</sup>; verdadeiramente nascido duma virgem [...], foi verdadeiramente crucificado por nós, na sua

<sup>22</sup> Cf. Lc 1, 28-37.

<sup>23</sup> Cf. Rm 1, 5.

<sup>24</sup> Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 56: AAS 57 (1965) 60-61.

<sup>25</sup> SANTO IRENEU DE LIÃO, *Adversus haereses*, 3, 22, 4: SC 211, 440 (PG 7, 959).

<sup>26</sup> Cf. SANTO IRENEU DE LIÃO, *Adversus haereses*, 3, 22, 4: SC 211, 442-444 (PG 7, 959-960).

<sup>27</sup> Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 56: AAS 57 (1965) 60-61.

<sup>28</sup> Cf. Mt 2, 2; 9, 27; 12, 23; 15, 22; 20, 30; 21, 9.15.

<sup>29</sup> Cf. Jo 4, 25-26; 11, 27.

<sup>30</sup> Cf. Mt 22, 41-46.

<sup>31</sup> Cf. Jo 6, 15; Lc 24, 21.

<sup>32</sup> Cf. DS 10-64.

<sup>33</sup> CONCÍLIO DE LATRÃO, (ano 649), Canon 3: DS 503.

<sup>34</sup> Cf. Rm 1, 3.

<sup>35</sup> Cf. Jo 1, 13.

carne, sob Pôncio Pilatos [...] e verdadeiramente sofreu, como também verdadeiramente ressuscitou»<sup>36</sup>.

**559** Como vai Jerusalém acolher o seu Messias? Embora tenha sempre evitado as tentativas populares de O fazerem rei<sup>37</sup>, Jesus escolheu o momento e preparou os pormenores da sua entrada messiânica na cidade de «David, seu pai» (Lc 1, 32)<sup>38</sup>. E é aclamado como filho de David e como aquele que traz a salvação («Hosanna» quer dizer «então salva!», «dá a salvação»). Ora, o «rei da glória» (Sl 24, 7-10) entra na «sua cidade», «montado num jumento» (Zc 9, 9). Não conquista a filha de Sião, figura da sua Igreja, nem pela astúcia nem pela violência, mas pela humildade que dá testemunho da verdade<sup>39</sup>. Por isso é que, naquele dia, os súbditos do seu Reino são as crianças<sup>40</sup> e os «pobres de Deus», que O aclamam, tal como os anjos O tinham anunciado aos pastores<sup>41</sup>. A aclamação deles: «Bendito o que vem em nome do Senhor» (Sl 118, 26) é retomada pela Igreja no «*Sanctus*» da Liturgia Eucarística, a abrir o memorial da Páscoa do Senhor.

**2616** A oração *a Jesus* já foi sendo atendida por Ele durante o seu ministério, mediante os sinais que antecipam o poder da sua morte e ressurreição: Jesus atende a oração da fé expressa em palavras (do leproso<sup>42</sup>, de Jairo<sup>43</sup>, da cananea<sup>44</sup>, do bom ladrão<sup>45</sup>) ou feita em silêncio (dos que trouxeram o paralítico<sup>46</sup>, da hemorroíssa que Lhe tocou na veste<sup>47</sup>, as lágrimas e o perfume da pecadora<sup>48</sup>). A súplica premente dos cegos: «Filho de David, tem piedade de nós!» (Mt 9, 27), ou «Jesus, filho de David, tem piedade de mim!» (Mc 10, 48), foi retomada na tradição da *Oração a Jesus*: «Jesus Cristo, Filho de Deus, Senhor, tem piedade de mim, pecador!». Seja a cura das doenças ou o perdão dos pecados, Jesus responde sempre à oração de quem Lhe implora com fé: «Vai em paz, a tua fé te salvou».

Santo Agostinho resume admiravelmente as três dimensões da oração de Jesus: «sendo o nosso Sacerdote, ora por nós; sendo a nossa Cabeça, ora em nós; e sendo o nosso Deus, a Ele oramos. Reconheçamos, pois, n'Ele a nossa voz e a voz d'Ele em nós»<sup>49</sup>.

## CIC 143-149, 494, 2087: “A obediência da fé”

**143** *Pela fé*, o homem submete completamente a Deus a inteligência e a vontade; com todo o seu ser, o homem dá assentimento a Deus revelador<sup>50</sup>. A Sagrada

<sup>36</sup> SANTO INÁCIO DE ANTIOQUIA, *Epistula ad Smyrnaeos* 1-2: SC 10bis, p. 132-134 (FUNK 1, 274-276).

<sup>37</sup> Cf. Jo 6, 15.

<sup>38</sup> Cf. Mt 21, 1-11.

<sup>39</sup> Cf. Jo 18, 37.

<sup>40</sup> Cf. Mt 21, 15-16; Sl 8, 3.

<sup>41</sup> Cf. Lc 19, 38; 2, 14.

<sup>42</sup> Cf. Mc 1, 40-41.

<sup>43</sup> Cf. Mc 5, 36.

<sup>44</sup> Cf. Mc 7, 29.

<sup>45</sup> Cf. Lc 23, 39-43.

<sup>46</sup> Cf. Mc 2, 5.

<sup>47</sup> Cf. Mc 5, 28.

<sup>48</sup> Cf. Lc 7, 37-38.

<sup>49</sup> SANTO AGOSTINHO, *Enarratio in Psalmum* 85, 1 CCL 39, 1176 (PL 36, 1081); cf. *Instrução geral da Liturgia das Horas*, 7: *Liturgia Horarum*, editio typica, v. 1 (Typis Polyglottis Vaticanis 1973) p. 24 [*Liturgia das Horas*, v. 1 (Gráfica de Coimbra 1983) p. 26].

<sup>50</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Dei Verbum*, 5: AAS 58 (1966) 819.

Escritura chama «obediência da fé» a esta resposta do homem a Deus revelador<sup>51</sup>.

- 144** Obedecer (*ob-audire*) na fé é submeter-se livremente à palavra escutada, por a sua verdade ser garantida por Deus, que é a própria verdade. Desta obediência, o modelo que a Sagrada Escritura nos propõe é Abraão. A sua realização mais perfeita é a da Virgem Maria.
- 145** A Epístola aos Hebreus, no grande elogio que faz da fé dos antepassados, insiste particularmente na fé de Abraão: «Pela fé, Abraão *obedeceu* ao chamamento de Deus, e partiu para uma terra que viria a receber como herança: partiu, sem saber para onde ia» (*Heb* 11, 8)<sup>52</sup>. Pela fé, viveu como estrangeiro e peregrino na terra prometida<sup>53</sup>. Pela fé, Sara recebeu a graça de conceber o filho da promessa. Pela fé, finalmente, Abraão ofereceu em sacrifício o seu filho único<sup>54</sup>.
- 146** Abraão realiza assim a definição da fé dada pela Epístola aos Hebreus: «A fé constitui a garantia dos bens que se esperam, e a prova de que existem as coisas que não se vêem» (*Heb* 11, 1). «Abraão acreditou em Deus, e isto foi-lhe atribuído como justiça» (*Rm* 4, 3)<sup>55</sup>. «Fortalecido» por esta fé (*Rm* 4, 20), Abraão tornou-se «o pai de todos os crentes» (*Rm* 4, 11. 18)<sup>56</sup>.
- 147** O Antigo Testamento é rico em testemunhos desta fé. A Epístola aos Hebreus faz o elogio da fé exemplar dos antigos, «que lhes valeu um bom testemunho» (*Heb* 11, 2. 39). No entanto, para nós, «Deus previra destino melhor»: a graça de crer no seu Filho Jesus, «guia da nossa fé, que Ele leva à perfeição» (*Heb* 11, 40; 12, 2).
- 148** A Virgem Maria realiza, do modo mais perfeito, a «obediência da fé». Na fé, Maria acolheu o anúncio e a promessa trazidos pelo anjo Gabriel, acreditando que «a Deus nada é impossível» (*Lc* 1, 37)<sup>57</sup> e dando o seu assentimento: «Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra» (*Lc* 1, 38). Isabel saudou-a: «Feliz aquela que acreditou no cumprimento de quanto lhe foi dito da parte do Senhor» (*Lc* 1, 45). É em virtude desta fé que todas as gerações a hão-de proclamar bem-aventurada<sup>58</sup>.
- 149** Durante toda a sua vida e até à última provação<sup>59</sup>, quando Jesus, seu filho, morreu na cruz, a sua fé jamais vacilou. Maria nunca deixou de crer «no cumprimento» da Palavra de Deus. Por isso, a Igreja venera em Maria a mais pura realização da fé.

<sup>51</sup> Cf. *Rm* 1, 5; 16, 26.

<sup>52</sup> Cf. *Gn* 12, 1-4.

<sup>53</sup> Cf. *Gn* 23, 4.

<sup>54</sup> Cf. *Heb* 11, 17.

<sup>55</sup> Cf. *Gn* 15, 6.

<sup>56</sup> Cf. *Gn* 15, 5.

<sup>57</sup> Cf. *Gn* 18, 14.

<sup>58</sup> Cf. *Lc* 1, 48.

<sup>59</sup> Cf. *Lc* 2, 35.

**494** Ao anúncio de que dará à luz «o Filho do Altíssimo», sem conhecer homem, pela virtude do Espírito Santo<sup>60</sup>, Maria respondeu pela «obediência da fé»<sup>61</sup>, certa de que «a Deus nada é impossível»: «Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra» (*Lc* 1, 38). Assim, dando o seu consentimento à palavra de Deus, Maria tornou-se Mãe de Jesus. E aceitando de todo o coração, sem que nenhum pecado a retivesse, a vontade divina da salvação, entregou-se totalmente à pessoa e à obra do seu Filho para servir, na dependência d’Ele e com Ele, pela graça de Deus, o mistério da redenção<sup>62</sup>:

«Como diz Santo Ireneu, “obedecendo, Ela tornou-se causa de salvação, para si e para todo o género humano”<sup>63</sup>. Eis porque não poucos Padres afirmam, tal como ele, nas suas pregações, que “o nó da desobediência de Eva foi desatado pela obediência de Maria; e aquilo que a virgem Eva atou, com a sua incredulidade, desatou-o a Virgem Maria com a sua fé”<sup>64</sup>; e, por comparação com Eva, chamam Maria a “Mãe dos vivos” e afirmam muitas vezes: “a morte veio por Eva, a vida veio por Maria”<sup>65</sup>.

**2087** A nossa vida moral tem a sua fonte na fé em Deus, que nos revela o seu amor. São Paulo fala da «obediência da fé»<sup>66</sup> como a primeira obrigação. E faz ver, no «desconhecimento de Deus», o princípio e a explicação de todos os desvios morais<sup>67</sup>. O nosso dever para com Deus é crer n’Ele e dar testemunho d’Ele.

<sup>60</sup> Cf. *Lc* 1, 28-37.

<sup>61</sup> Cf. *Rm* 1, 5.

<sup>62</sup> Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 56: AAS 57 (1965) 60-61.

<sup>63</sup> SANTO IRENEU DE LIÃO, *Adversus haereses*, 3, 22, 4: SC 211, 440 (PG 7, 959).

<sup>64</sup> Cf. SANTO IRENEU DE LIÃO, *Adversus haereses*, 3, 22, 4: SC 211, 442-444 (PG 7, 959-960).

<sup>65</sup> Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 56: AAS 57 (1965) 60-61.

<sup>66</sup> Cf. *Rm* 1, 5; 16, 26.

<sup>67</sup> Cf. *Rm* 1, 18-32.